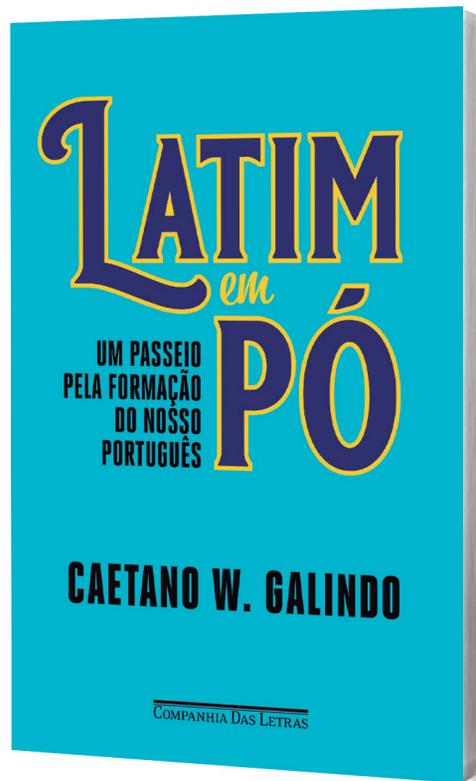


livros



Um *Cinema Paradiso* para
a formação do nosso português

Henrique Braga
Marcelo Módolo

Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português,
de Caetano W. Galindo, São Paulo, Companhia das Letras, 2023, 232 p.

Cinema *Paradiso* (1988) é a obra mais conhecida do cineasta italiano Giuseppe Tornatore. O filme, agraciado como o melhor internacional no Oscar de 1990, é bastante lembrado não apenas pela narrativa em si, mas também pela forma como a própria história do cinema surge na tela. Esse gesto metalinguístico, em que o cinema homenageia o cinema, veio à nossa lembrança à medida que liamos *Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português*, livro de Caetano Waldrigues Galindo. Entre tantas observações positivas (e justas) que podem ser feitas sobre a obra de Galindo, a primeira que nos ocorre é esta: para contar a aventura de uma língua que tem como ponto de partida a região onde atualmente está a Ucrânia¹ e chega

a esta página que escrevemos hoje (conforme o percurso, ou melhor, o “passeio” construído pelo autor), Galindo promove, na prática e sem alarde, uma celebração dos estudos sobre “o nosso português” (expressão que já no subtítulo o autor utiliza para nomear esta língua).

Se no filme de Tornatore vemos o cinema pelos olhos de Totó, na obra do professor curitibano somos apresentados à menina Luzia, com quem nos deparamos logo na primeira frase (“O nome dela pode ser Luzia”). Para adentrar essa história da língua portuguesa, somos convidados a começar pelo seu acontecimento mais recente: o nascimento de uma falante, que, como tal, será herdeira de um idioma sobre o qual também atuará de forma criativa, deixando nele as marcas de seu



HENRIQUE BRAGA é doutor pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

MARCELO MÓDOLO é professor da FFLCH-USP.

1 Conforme a hipótese indo-europeia, de que trataremos adiante.

tempo, de sua classe, de sua região, de seu gênero, de sua geração. Essa primeira escolha, abrir o livro com o nascimento da piá (da guria, da garota, da miúda), já revela a dicção extremamente didática, mas nunca professoral, com que se busca conduzir o leitor pelo passeio proposto.

Nesse caminhar, o autor deixa explícitas as intenções e os limites do trajeto. Segundo Galindo, não se trata de uma “história aprofundada” do português, negação que traz consigo, paradoxalmente, uma afirmação: é sim uma história do idioma, ainda que sem a profundidade de uma obra que se propusesse exaustiva sobre o tema. Portanto, sem a pretensão de esgotar as peripécias que resultaram nas variedades brasileiras do idioma, Galindo promete “expor as etapas do trajeto de formação da língua que nós falamos todos os dias” (p. 23). Cabe ressaltar que a missão assumida pelo estudioso é apresentar essas etapas para um público amplo, não necessariamente para iniciados na linguística. É a típica obra para não especialistas com a qual os próprios especialistas têm muito a ganhar.

Tendo em mente esse seu objetivo declarado, o espaço de destaque que *Latim em pó* vem ocupando nas livrarias pode ser considerado uma vitória da ciência linguística no Brasil. Isso porque, poucas décadas atrás, os “estudos” sobre a língua portuguesa que eram vistos nesse lugar seriam mais bem representados por livros como *Não erre mais*, exemplar de uma tradição dedicada a promover uma relação negativa com o idioma – nesse exemplo, o próprio título destaca o “não”, reforçando a hegemonia de um discurso segundo o qual o brasileiro não sabe-

ria português. Em vez da negação (“não use tal pronome”, “não faça tal flexão”, “não diga tal palavra”), Galindo se filia ao campo afirmativo, que busca compreender melhor, sem qualquer resquício de vira-latismo, a língua que realmente falamos. Ao apresentar o trajeto de formação da nossa língua, o autor faz questão de destacar tanto a beleza da descoberta científica (por exemplo, quando revela a filiação de “mágoa”, “malha” e “mancha” a um ancestral comum, resgatado posteriormente no cultismo “mácula” – p. 122) quanto a incontestável e decisiva atuação dos grupos desfavorecidos no processo de mudança linguística. Sem questionar a existência e a importância atribuídas às normas-padrão, o livro contribui também para o entendimento de que o preconceito linguístico – como sói acontecer com os preconceitos – é fruto da ignorância. Para tanto, sua abordagem se mostra bastante afinada com a provocação laboviana em defesa da sociolinguística, segundo a qual é impossível promover estudos linguísticos bem-sucedidos sem que sejam sociais (Labov, 1991, p. xiii).

Consciente da arena discursiva em que se encontra, Galindo assume como parte de sua missão a busca por colocar certa ordem em ideias um tanto desconexas. Para isso, ele enfrenta uma contradição frequente, porém pouco notada: de um lado, não se discute que o português é uma língua viva, dinâmica; de outro, as inovações oriundas desse dinamismo costumam ser vistas com incômodo até por falantes que se julgam menos conservadores. Analisando esse fenômeno, o autor chega a uma interessante síntese: “[...] cada geração de falantes aceita todas as

mudanças ocorridas antes de sua época como constituidoras de seu patrimônio linguístico. Mas a tolerância vai só até aí” (p. 34). Caso a obra adotasse uma posição distante e impessoal a respeito do tema abordado, essa constatação já seria suficiente; no entanto, *Latim em pó* é desses livros que não se eximem de intervir sobre a realidade. Desse modo, é difícil não identificar um posicionamento político na afirmação de que “nosso português mais fino é pouco mais que um latim atrapalhado” (p. 33): a recusa a um forjado elitismo linguístico é uma espécie de carimbo necessário no passaporte dos que ingressarem no “passeio” promovido pelo autor.

Antes que se infira erroneamente se tratar de uma obra proselitista, considere-se que a superação de concepções elitistas não surge como uma imposição ideológica, mas sim factual. Mais ainda: o professor Galindo nos ciceroneia por um caminho sólido em que, seguindo o método indutivo, é impossível não compreender que a língua portuguesa – de aqui e de alhures – foi formada na diversidade. Em várias passagens, vê-se que *Latim em pó* não é obra de um pesquisador que dá aulas, mas de um professor que faz pesquisa. Um bonito exemplo ocorre quando se apresenta ao leitor o método histórico-comparativo, pelo qual certas recorrências entre línguas aparentadas permitem identificar um ancestral linguístico comum: o autor não se limita a descrever o método (como fizemos sucintamente neste parágrafo), preferindo levar seus leitores a desenvolverem o raciocínio que o embasa.

É desse modo que se introduz também a hipótese indo-europeia, segundo a qual

línguas aparentemente distantes, como o português, o inglês e o russo, teriam um ancestral comum (anterior, inclusive, ao grego e ao latim), do qual não restaram registros escritos: a língua indo-europeia, que, há mais de 6 mil anos, começa a migrar pela Europa com a expansão territorial de seu povo, originário de onde hoje apontaríamos, de modo aproximado, a região da Ucrânia. Sem fugir ao compromisso de dialogar com o público leigo, Galindo prepara seu leitor para compreender como é possível reconstruir uma língua cujas palavras se teriam perdido ao vento, apresentando-lhe, antes, o método histórico-comparativo.

Contrariando assim o que talvez fosse mais previsível para o público geral, a obra inicia a cronologia dos sucessos que originaram a língua que falamos antes do latim e, quando chega a ele, não desperdiça outra oportunidade de relacionar a mudança linguística à atuação das camadas populares. Mais do que relatar que as línguas românicas derivam não do latim clássico, mas do chamado *latim vulgar* (ou seja, popular), o professor Galindo prossegue com sua aula de linguística histórica, com boas doses de sociolinguística. Após considerar que as línguas mudam o tempo todo, é mais simples compreender por que “o latim levado àquele litoral leste da Espanha no ano 220 AEC” não poderia ser “exatamente igual ao latim que seria levado à distante Dácia, mais de trezentos anos depois” (p. 68). Sem dúvida, compreender processos de mudança linguística que resultaram no nosso “latim atrapalhado” é passo importante para superar a ilusão de superioridade que, ainda hoje, há quem atribua (ou rei-

vindique) ao português europeu. Nesse sentido, o autor, ao comentar a origem das línguas românicas, não deixa de destacar: “Todo esse patrimônio linguístico deriva, diretamente, do latim vulgar. Da língua dos excluídos, desconsiderados e marginalizados” (p. 79).

Essa mesma abordagem didática e historicizante se repete quando se aborda a formação da língua portuguesa na Península Ibérica – seja na referência aos suevos, seja na referência aos árabes que ocuparam a região. Embora, nessa passagem, tenhamos sentido falta de um pouco mais de ênfase na afirmação (ainda bombástica para o público leigo) de que o português não surge diretamente do latim, tendo a língua galega como ancestral imediato, compreendemos que, em um passeio panorâmico, é necessário fazer escolhas. Em todo caso, para quem tenha interesse em se aprofundar nas peripécias ibéricas do nosso idioma, recomendamos também a obra *Assim nasceu uma língua: sobre as origens do português*, do linguista lusitano Fernando Venâncio (2024) – outra obra exemplar.

Chegando ao português falado no Brasil, o livro cumpre a promessa de suplantar “a narrativa pacificada, meio oficial e meio preguiçosa” (p. 19), segundo a qual a língua que aporta neste território em 1500 “recebeu a mera influência de línguas indígenas”, seguida de “alguma influência de línguas africanas”, sempre no nível lexical, para enfim se tornar um “português bem temperado” (p. 18). Para os interessados em superar essa visão quase infantil da formação do nosso português (algo semelhante ao bebê trazido pela cegonha), a obra não sonega

informações. Melhor dizendo: os movimentos históricos e seus resultados linguísticos são habilmente costurados pelo autor, que, quando necessário, prefere citar o caráter ainda inconcluso de certas hipóteses a oferecer respostas simplistas.

Tratando inicialmente da participação das línguas originárias nas variedades brasileiras da língua, Galindo é, mais uma vez, cuidadoso e respeitoso. Mais do que simplesmente reconhecer que “ainda há muito que estudar sobre a árvore genealógica das línguas de todo o continente americano” (p. 142), o conhecimento disponível é evocado para explicitar o quanto a contribuição de idiomas locais está além do empréstimo vocabular. Os leitores interessados em compreender mais essa história terão informação suficiente sobre as línguas gerais – grosso modo, “uma língua local que passaria a ter o português como uma espécie de ‘superestrato’” (p. 149). No capítulo “Gerais”, mais do que apresentar a língua geral paulista e o nheengatu (este último, ainda hoje, uma das línguas oficiais de São Gabriel da Cachoeira, município semelhante, em área, a um país como a Bulgária), Galindo explicita como, ao contrário do que conta a versão preguiçosa, não bastou a canetada pombalina para que o português começasse a suplantiar as línguas gerais (em 1758, o Marquês de Pombal expulsa as missões jesuíticas, para quem as línguas gerais eram relevante instrumento na catequese, e proíbe as demais línguas do território em favor do português). Em mais um dos momentos em que história e linguística se cruzam de modo didático na obra, o autor explica, de modo bastante convincente, como uma correlação

entre a repressão à Cabanagem e migrações internas foram decisivas para o espraio do português pelo território.

Em seguida, abordando a influência de línguas africanas, os capítulos “Áfricas” e “Pretoquês” novamente refletem quanto o conhecimento linguístico se pode enriquecer quando questões históricas e sociais são incorporadas à análise. Lidando com a noção de “aprendizagem imperfeita” (expressão que, segundo Galindo, carrega certa redundância, tendo-se em mente que a aquisição de um idioma, mesmo o materno, traz consigo certo grau de reelaboração), o autor discute os impactos de uma grande massa de adultos escravizados precisar aprender uma nova língua, mesmo para se comunicarem entre si – haja vista que era estratégia do colonizador, no intuito de evitar amotinamentos, separar os falantes de um mesmo idioma africano.

Sem romantizar em nada essa situação (pelo contrário, explicitando constantemente a violência envolvida nesse processo), Galindo explica por que é justo supor – novamente recorrendo a processos históricos que ocasionaram migrações internas – que as variedades brasileiras seriam uma espécie de “pretoquês” (termo que ele assinala ter surgido com conotação pejorativa no período colonial, antes da conhecida reapropriação do termo pela estudiosa Lélia Gonzales). Entre os fatores linguísticos que podem reforçar essa argumentação, cita-se a tendência das línguas bantas de compor sílabas formadas por consoante e vogal – tal como aponta Yeda Pessoa de Castro (2022) –, o que, segundo o autor, pode ajudar a explicar fenômenos como o nosso vocalismo (frente a variedades portuguesas

em que se “comem” as vogais), ou ainda nossa tendência a apagar o “-r” final dos infinitivos (“apagá”, “fazê” etc.). Em um dos tantos momentos poéticos do livro, sugere-se rever a imagem “flor do Lácio”: “O português brasileiro foi um broto africano, flor de Luanda”.

Diante do conhecimento tão amplo e variado que nos é oferecido nesse passeio, ainda que em estilo sempre acessível e didático, não é surpreendente que leitores de viés mais acadêmico sintam falta de uma maior explicitação das referências em que a obra se baseia. Quando ocorrem, as citações explícitas soam, por vezes, mais como homenagens do que como “referências bibliográficas” – como a menção a Yeda de Castro (autora inescapável quando se trata das influências africanas no português brasileiro) ou ao eminente Carlos Alberto Faraco (a quem, inclusive, a obra de Galindo está dedicada). Para atenuar essa possível falta, vemos dois elementos: o primeiro é a seção final com “leituras sugeridas”, em que são recomendadas e comentadas outras obras sobre a formação do português; o outro é o estilo adotado, em que todo o livro soa como uma aula de graduação, em cujo programa estão explicitadas as referências; opta-se, por exemplo, por não utilizar notas de rodapé, o que parece uma escolha consciente para dar fluidez ao texto. Fora isso, voltando a nossa comparação inicial, os amantes do cinema prescindem de que *Cinema Paradiso* explique as referências: elas estão suficientemente visíveis.

Para encerrar (esta resenha e a própria obra), a nossa pequena Luzia retorna para iluminar o que significa conhecer melhor a história desta língua. Galindo não deixa

de adverti-la de que, a despeito de tudo que sua obra nos informa sobre o idioma, talvez a menina “enfrente tempos difíceis, nos quais tudo de bonito e de poderoso que a formação desta língua representa venha a ser questionado, atacado, vilipendiado” (p. 211). É impossível não associar esse alerta ao momento histórico em que a obra foi publicada (2022), tempo em que avanços conservadores aconteceram globalmente e colocaram tão em xeque a beleza da diversidade, valor de que nosso idioma, desde as origens mais remotas, está impregnado. Nesse contexto, é até mais compreensível a posição de Galindo, que prefere sair pela tangente diante da discussão sobre como chamar o português do Brasil, chegando a afirmar que “esse não é o maior dos nossos problemas, nem

o mais premente” (p. 23). Perguntamos nós: em tempos de fanatismo e *patriotadas*, em que se constroem muitos muros e poucas pontes, seria oportuno defender a cisão de que resultaria o idioma “brasileiro”? Ou, assumindo que as fronteiras linguísticas são mais propriamente fronteiras políticas, não seria melhor, como propõe Caetano W. Galindo, integrar uma irmandade da qual fazem parte “Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Macau, Timor Leste, Goa, Damão e Diu”? E Portugal? E, quiçá, a própria Galícia?

Acompanhando o relator, ficamos com a segunda opção. E, tal como no subtítulo de *Latim em pó*, nos parece rico, bonito e inclusivo chamar esta língua simplesmente de “nosso português”.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Y. P. de. *Camões com dendê: o português do Brasil e os falares afro-brasileiros*. Rio de Janeiro, Topbooks Editora, 2022.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 1991.
- VENÂNCIO, F. *Assim nasceu uma língua: sobre as origens do português*. São Paulo, Tinta-da-China Brasil, 2024.